

# A CASA SINCRONIZADA

**uma história musical**

*Inês Pupo  
Gonçalo Pratas*

*Ilustrações  
Pedro Brito*





# Nota dos autores

Imagine-se uma casa em que todos os habitantes estão sincronizados. São diferentes, têm papéis e lugares diferentes, espaços e movimentos diferentes, mas partilham o mesmo tempo.

Vivem inspirados pelo tempo — que é de todos. Contam uns com os outros e constroem relações baseadas na previsibilidade, na estabilidade, na segurança. Têm confiança na vida, nas pessoas e no mundo.

Imagine-se que um dia esta confiança é ameaçada. A imprevisibilidade impõe-se, como quase sempre, sem pedir licença.

*A Casa Sincronizada* conta uma história de amor e mistério, que nos questiona a todos: perante o inesperado, como reagimos? O que é que temos para dar àqueles que se sincronizam connosco? Como um organismo vivo (como uma família), quando falta uma parte como é que nos organizamos, como é que continuamos a viver, o que é que nos move?

Quando a ordem é perturbada, quando as regras não se aplicam, quando a vida muda... Quem somos, quem queremos ser?

Quando somos postos à prova, aumentam as variáveis... É possível experimentar, experimentarmo-nos, provar um sabor que até agora desconhecíamos.

Imagine-se que a confiança é inabalável, mesmo quando tudo muda.

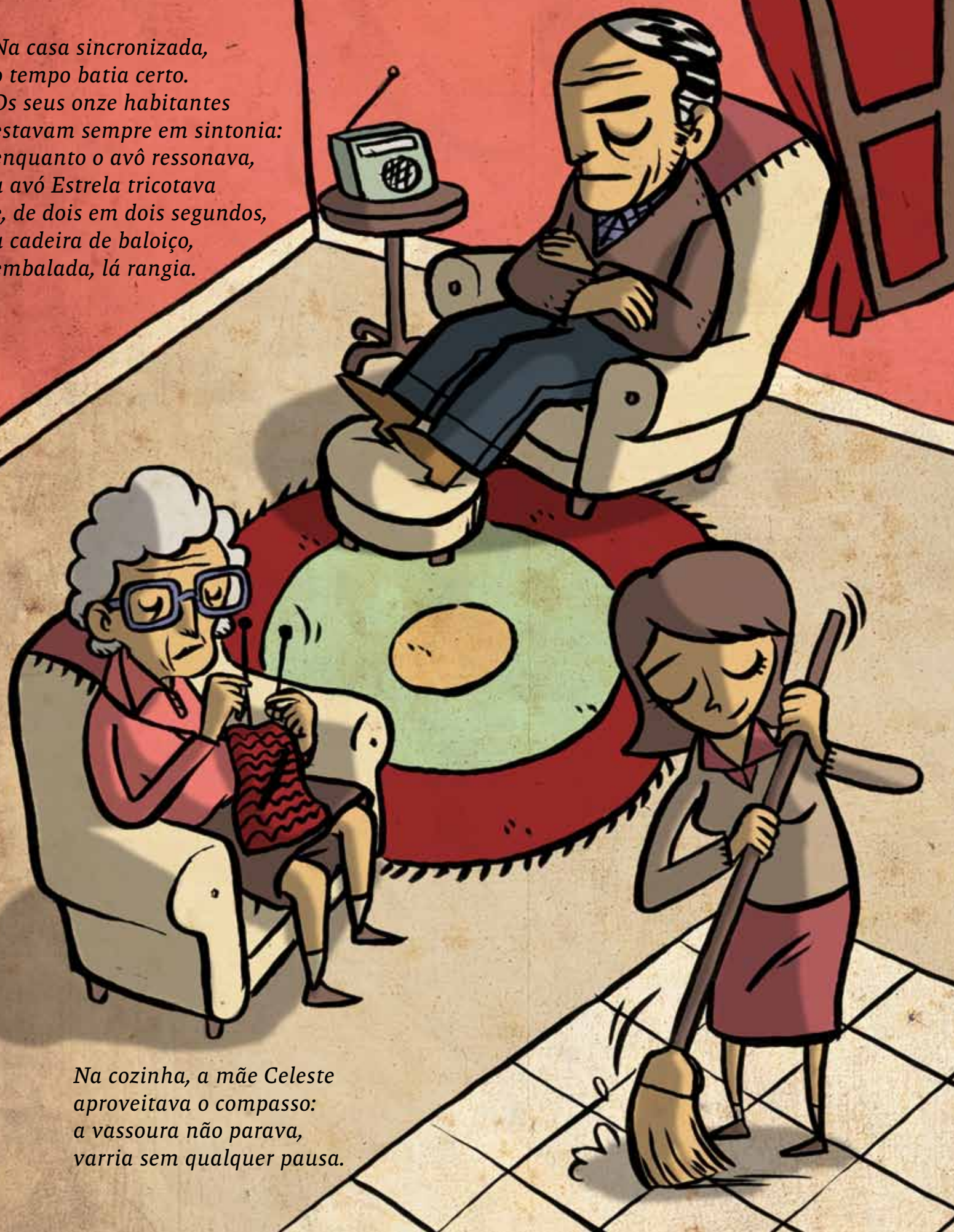
Escolhemos contar esta história em sincronia com um piano e um quarteto de cordas, que vivem intensamente todos os momentos da vida dos habitantes da casa sincronizada: passado, presente e um grande futuro!

A sincronia é uma qualidade intrínseca da música, do crescimento e da vida.

Esperamos que esta história musical acompanhe e viva intensamente muitos momentos da vida dos que a lerem e ouvirem, e que os ajude a encontrar a sincronia interior que antecede bons ventos e grandes mudanças.

*Inês Pupo e Gonçalo Pratas*

*Na casa sincronizada,  
o tempo batia certo.  
Os seus onze habitantes  
estavam sempre em sintonia:  
enquanto o avô ressonava,  
a avó Estrela tricotava  
e, de dois em dois segundos,  
a cadeira de baloiço,  
embalada, lá rangia.*



*Na cozinha, a mãe Celeste  
aproveitava o compasso:  
a vassoura não parava,  
varria sem qualquer pausa.*



O pai chamava-se Artur,  
cortava lenha com gosto.  
No quintal, machado em punho,  
usava o tempo da casa:  
cada varridela, um corte,  
cada ressono mais forte,  
nova machadada à sorte,  
mais lenha para a lareira,  
sempre com nova energia,  
como se fosse a primeira!



O ressono do avô,  
o balanço da avó,  
uma malha de tricô,  
o chão, limpinho, sem pó!



O Tomé, filho do meio,  
dançava sapateado,  
enquanto a sua irmã Olga  
tocava no acordeão:  
estavam bem ensaiados,  
o que não é de estranhar...  
Só tinham que acertar  
com o avô a ressonar,  
com a avó a tricotar,  
com a cadeira a baloiçar,  
com a vassoura a trabalhar,  
com o tronco de árvore a rachar!



Os gémeos, Albino e Albano,  
eram craques no pingue-pongue.

Jogavam bem, com destreza,  
porque mantinham o ritmo:

Pingue – ressona o avô,

Pongue – o Albino marcou!

Pingue – a avó baloiçou,

Pongue – o Albano não falhou!

Pingue – o machado no ar,

Pongue – a bola a acelerar,

Pingue – um solo de acordeão,

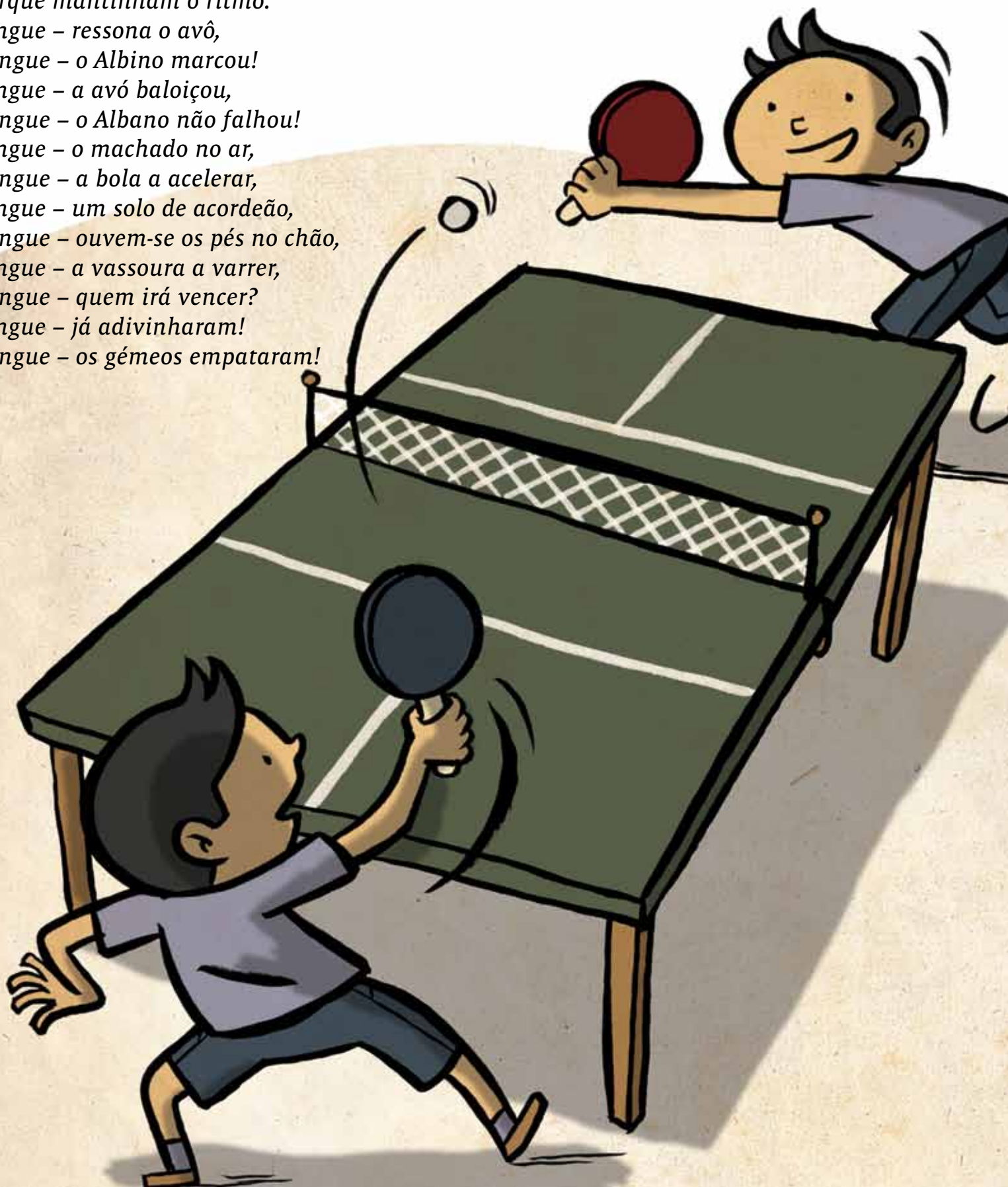
Pongue – ouvem-se os pés no chão,

Pingue – a vassoura a varrer,

Pongue – quem irá vencer?

Pingue – já adivinharam!

Pongue – os gémeos empataram!





*Valentim é o mais velho de todos os cinco irmãos. Tem uma missão entre mãos: é ele que dá o pão ao cuco que há nesta casa.*

*O cuco chama-se Alfredo, vive dentro do relógio, vem cá fora, de hora a hora, comer um pouco de pão. Valentim estende a mão, o cuco fica contente, engole o pão, num repente; logo canta, esganiçado... Tudo isto sincronizado com os outros sons da casa: o sono solto do avô, a camisola da avó, a lenha para a lareira, a vassoura varredeira, o espetáculo musical, o campeonato final.*

*Na casa sincronizada  
há uma historia de amor:  
Valentim, ultimamente,  
anda muito apaixonado  
pela bela bailarina  
que encontrou em Bora-Bora:  
a fantástica Isadora!*

